

JORNALISMO E INTERATIVIDADE: o ensino remoto na pandemia a partir das notícias e seus comentários

JOURNALISM AND INTERACTIVITY: remote teaching in the pandemic from the news and its comments

Luís Augusto de Carvalho MENDES¹

Centro Universitário Uniesp | Brasil

Patrícia Monteiro Cruz MENDES²

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Gabriella Branco DA SILVA³

Centro Universitário de João Pessoa- Unipê | Brasil

Davi Ricardo Rodrigues de Almeida GANDINI⁴

Faculdade Estácio de João Pessoa | Brasil

Resumo

O presente trabalho objetivou descrever como o processo de interação no jornalismo colaborou para a construção dos significados acerca do ensino remoto durante a pandemia da Covid-19. Para isso, foram selecionadas onze reportagens compartilhadas pelo perfil do G1 no Facebook e os respectivos comentários (960), que foram analisados por meio do Iramuteq. Por meio das análises textuais computadorizadas foram encontradas quatro categorias temáticas (Conteúdos Jornalísticos, Estruturas, Aglomeração e Vacinação). Pode-se verificar que os comentários partiram do conteúdo jornalístico e acrescentaram informações, vivências e opiniões particulares e cotidianas às coberturas e abordagens jornalísticas, o que pode ser classificada como uma interação comunicativa.

Palavras-chave

Jornalismo. Interatividade. Ensino Remoto. Facebook. Covid-19.

Abstract

This work aims to describe how the process of interaction in journalism contributed to the construction of meanings about remote teaching during the Covid-19 pandemic. For this, eleven reports shared by the G1 profile on Facebook and the respective comments were selected (960) and analyzed with the support of Iramuteq. Through computerized textual analysis, four categories were found (Reports, Structure and Health). It was verified that the comments were originated from the journalistic content and added information, experiences and private and daily opinions to the coverage and journalistic approaches, which can be classified as a communicative interaction.

Keywords

Journalism. Interactivity. Remote Teaching. Facebook. Covid-19

RECEBIDO EM 29 DE AGOSTO DE 2022
ACEITO EM 19 DE ABRIL DE 2023

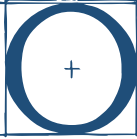
¹ Professor do Centro Universitário Uniesp e do Mestrado em Jornalismo da UFPB. Contato: luisaugustomendes@gmail.com.

² Professora do Mestrado em Jornalismo da UFPB. Contato: patriciamonteiro Mendes@gmail.com.

³ Estudante de Psicologia do Centro Universitário de João Pessoa, Unipê. Contato: brancogabi8@gmail.com.

⁴ Estudante de Engenharia e do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Estácio de João Pessoa. Contato: davi.ricardo.gandini@gmail.com.

Introdução

 período da pandemia da Covid-19 foi marcado pelas estratégias de distanciamento social, que resultaram na permanência de boa parte da população em seus lares e, conseqüentemente, um maior uso das tecnologias digitais acessíveis pela internet.

Destaca-se o aumento do acesso aos veículos de notícias e do uso das redes sociais. O site Portal da Comunicação (2022) noticiou que veículos impressos, sites e televisão tiveram um aumento significativo na audiência neste período, assim como melhorou os índices de confiança no jornalismo. As emissoras de TV chegaram a 61% de confiança, seguidas pelos jornais (56%) e emissoras de rádio (50%).

A Rede Globo, por exemplo, criou um programa matinal sobre o coronavírus, que foi responsável por um aumento na audiência de 25% apenas no primeiro mês de exibição, com um alcance diário de 24,4 milhões de telespectadores no período, levando 6,3 milhões de novas pessoas à programação. O aumento também aconteceu nos conteúdos on-line dos principais veículos de informação do país, chegando a um percentual de crescimento em assinaturas digitais de 136% (PORTAL DA COMUNICAÇÃO, 2022).

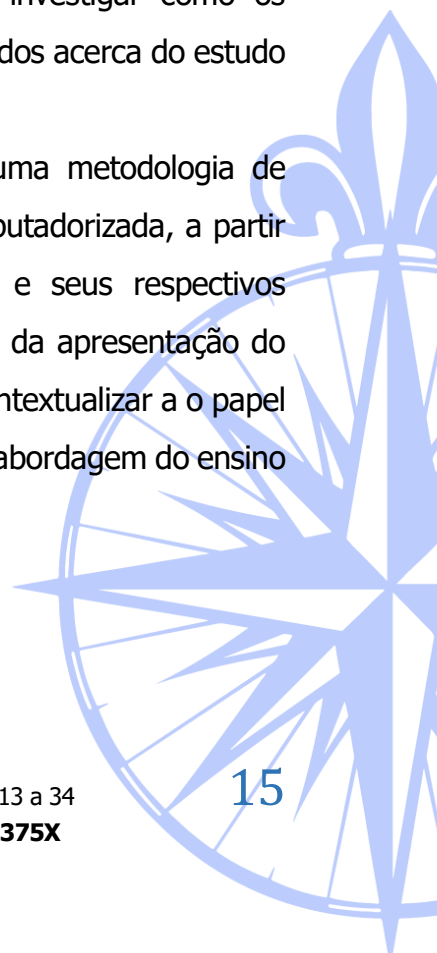
Também foi identificado um incremento no interesse do público no Facebook relativo às páginas de notícias, logo após o início dos casos de Covid-19. Assim, foram constatados aumentos nas interações de postagens com vídeos ao vivo e fotos (60%), *status* (50%) e links compartilháveis (30%). Houve ainda um crescimento de 40%, entre março e abril de 2020, nas postagens do Facebook de páginas de fontes jornalísticas durante a pandemia (HUTCHINSON, 2020).

Neste mesmo período, os Dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) revelaram que 91% dos estudantes brasileiros, da educação infantil ao ensino superior, foram atingidos pelo distanciamento. Cerca de 52 milhões de alunos foram retirados de forma compulsória das salas de aulas e inseridos na educação mediada por tecnologias digitais remotas ou à distância, acessadas por meio da Internet (SAE DIGITAL, 2021).

A partir deste cenário, o presente trabalho partiu do seguinte problema: como o processo de interação no jornalismo colaborou para a construção dos significados acerca do ensino remoto durante a pandemia da Covid-19?

Para responder a esta pergunta, estabeleceu-se como objetivo geral: compreender como a interação de usuários com conteúdos noticiosos contribui para a construção das informações acerca do ensino remoto durante a pandemia da Covid-19. De forma específica, pretendeu-se analisar como as ferramentas de interação do Facebook influenciaram na interação com o conteúdo jornalístico do perfil do G1; verificar a relação entre as informações veiculadas pelo G1 e os respectivos comentários; e investigar como os comentários colaboraram para a construção dos significados acerca do ensino remoto na pandemia.

Para se atingir esses objetivos, optou-se por uma metodologia de estudo Netnográfico, por meio da análise de texto computadorizada, a partir de onze reportagens do perfil do G1 no Facebook e seus respectivos conteúdos, num total de 977 conteúdos textuais. Antes da apresentação do método e os respectivos resultados, faz-se necessário contextualizar a o papel da interatividade no jornalismo e as pesquisas acerca da abordagem do ensino digital na pandemia, como descrito a seguir.



Jornalismo, Interatividade e Ensino Remoto

Autores como Rost (2014) e Canavilhas (2014) definem a interatividade como uma das sete características fundamentais tanto do webjornalismo, como do jornalismo tradicional. O contato, a participação e o conteúdo que os usuários partilham contribuem para definir as formas que a mídia adotou para as zonas de contato entre jornalistas e leitores, área que as tecnologias digitais têm alargado e simplificado.

Classicamente, a interatividade implica na transferência do poder informativo dos meios de comunicação para os leitores. Ela pode ser classificada como seletiva e comunicativa. Na interatividade seletiva o foco é a escolha de conteúdos para se relacionar, neste ponto o usuário é considerado como um receptor, que tem o poder de gerenciar fatores, como: canais, veículos, plataformas, além da forma e da velocidade de sua audiência (ROST, 2014; SUAUI; MASIP, 2011).

Nesse processo existe uma orientação para o alargamento das possibilidades de pesquisa e recuperação das informações, além da possibilidade de os leitores selecionarem e administrar esses fluxos, com maior personalização dos conteúdos, num ambiente cada vez mais modular.

Já na interatividade comunicativa existe a possibilidade de expressão e interferência comunicativa, nas formas de produção, compartilhamento e avaliação dos conteúdos. Segundo Rost (2014), esta interação transcende a recepção individual, pois o leitor também gera conteúdo que se torna público e compartilhável. Assim, o usuário procura dialogar, discutir, confrontar, apoiar, expressar uma opinião individual, acrescentar informações sem procurar uma resposta ou um contato bidirecional ou multidirecional com outros indivíduos.

Suaui e Masip (2011) reforçam essas definições defendendo que na interação seletiva não existe criação por parte do utilizador. Já a interação

comunicativa é marcada pela produção de conteúdo original, como comentários, envio de estórias, relatos de experiências e outras ampliações do contexto noticioso.

Martínez Rodríguez (2005), por sua vez, propõe três formas de participação, segundo o momento no qual o usuário intervém: 1) a participação prévia à elaboração de conteúdos; 2) participação posterior ou acrescentada, que complementa o texto original, mas que não permite modificar nem participar na elaboração do conteúdo original; e 3) coparticipação ou coprodução, na qual há participação simultânea e elaboração conjunta dos conteúdos.

Dentro dessa perspectiva, Scolari (2013) defende que o processo digital é contínuo e se adapta às realidades. Se antes defendia-se a interatividade e multimidialidade, atualmente defende-se a convergência e a transmidialidade.

Teixeira (2014) defende que as redes sociais trouxeram mudanças sociais ligadas à posição do jornalismo como o organizador legitimado das experiências humanas e sociais. Esta organização agora passa pela conteúdos que são disponibilizados pelos jornais mais a participação ativa dos usuários.

Em análise dos comentários a um conteúdo da Folha de São Paulo, foram identificadas sete categorias temáticas de interações, sendo elas: Relação entre usuário e jornal: 1) críticas dos usuários ao jornal e/ou relato noticioso e 2) Apoio ao jornal e/ou legitimação da notícia. Relação usuário versus Usuário: 3) Crítica a terceiros ou entre os usuários. Relações Variadas: 4) Colaboração; 5) Solidariedade; 6) Sátira e 7) outros.

Em pesquisa acerca da cobertura jornalística da área de política, Rosa e John (2013) também identificaram que além dos comentários relativos ao tema noticiado, os leitores também se posicionavam quanto aos assuntos e abordagens adotados pela linha editorial, cobertura e enquadramento das coberturas jornalísticas.

Palácios (2012) propõe o conceito de “Marginália Jornalística”, apresentando os comentários dos usuários como uma ferramenta de memória que mostra o *Zeitgeist* de um tempo a partir de conteúdos noticiosos. Entende-se por Marginália as anotações, desenhos, gráficos etc. pessoais deixadas nas margens dos textos. Para o autor, esses comentários devem ser preservados a fim de serem recuperados a partir de um necessário afastamento histórico e uso futuro. Essa proposição reforça a característica de memória, defendida com um dos sete pilares do Webjornalismo (CANAVILHAS, 2014).

Sousa (2020) defende uma visão da interação para além das contribuições textuais dos comentários. Para ela, o ecossistema midiático foi alterado, deixando de lado uma comunicação unidirecional, para uma produção e distribuição que conta com a ação ativa dos usuários. O público, que antes era classificado como consumidor, agora assume papéis como produtor e distribuidor, com a capacidade de filtrar os conteúdos noticiosos.

O processo acima teve como um dos seus pilares a plataformização do jornalismo, que pode ser entendida como a emergência e consolidação das plataformas digitais como modelos estruturais, econômicos e de *design* utilizados pelos usuários das mídias sociais online para acesso às informações produzidas por veículos noticiosos. Jurno e Brito D'andréa (2020) relatam que, na relação entre o Facebook e veículos jornalísticos, por meio da análise da ferramenta *Instant Articles*, foi possível observar as interações que revelaram discursos dispersos e certo grau de tensão entre as partes envolvidas.

Castells (2017) defende que existe um compartilhamento de significados, além da própria informação, ou seja, não é o simples compartilhamento de informação, de conteúdo, de dados, mas de vivências e experiências íntimas, sociais e cotidianas, tanto para quem compartilha, como para quem tem contato com as informações.

O autor apresenta o conceito de autocomunicação de massa, em que três formas de comunicação (interpessoal, de massa e autocomunicação de massa) coexistem, sem se anularem, mas se complementam dentro do ciberespaço, aqui entendido não apenas como um conjunto de tecnologias computacionais, e sim como uma cultura que transpassa os aspectos físicos e digitais da realidade e da comunicação. Na autocomunicação de massa, a internet tem caráter interativo, sendo utilizada para produzir, acessar e compartilhar produtos culturais digitalizados, bem como as mídias tradicionais como jornais, rádios e televisão.

Duarte, Rivoire e Ribeiro (2016) destacam que no ambiente analógico, os jornais decidiam o que era pautado, assim como o encaminhamento dessas pautas, dominando a oferta das informações e orientando a leitura do público. Com a interação proporcionada pelo avanço da internet, a mídia tradicional perdeu esse controle. Além desta independência frente à mídia tradicional, os usuários podem dialogar entre si, a partir de conteúdos noticiosos com ou sem a interferência dos produtores midiáticos.

Os usuários podem avaliar as informações, por meio de ferramentas de captação de emoções, como os *reactions*, compartilhar a informação produzida pelo veículo, sem comentário algum, na clara função de distribuidor da informação; produzir e compartilhar suas próprias informações, análises ou confrontar a versão apresentada pela imprensa.

Costa e Carvalho (2021) defendem que, apesar do processo interativo digital ser amplo e multidirecionado, a maioria dos assuntos que repercute nas redes sociais tem origem nos veículos de comunicação, ou seja, as mídias sociais podem ser consideradas também como um ambiente de reverberação das informações jornalísticas. Assim, pode-se defender que as redes sociais possuem uma cultura informativa que o jornalismo precisa entender, contextualizar-se e repensar enquanto atuação e processo produtivo. Entende-

se que as redes sociais não suplantam o jornalismo; são novos espaços de interação social e novas ferramentas para a comunicação noticiosa.

Coerente com este pensamento, Hjarvard (2014) afirma que a interação midiática digital abrange tanto os domínios da mídia quanto as demais estruturas sociais, em um processo de desenvolvimento e comunicação bilateral. “A mídia denota os processos pelos quais a cultura e a sociedade tornam-se cada vez mais dependentes dos meios de comunicação e sua lógica como mídia integra-se em práticas culturais e sociais em vários níveis” (HJARVARD, 2014, p. 16).

Coerente com os momentos de interação, Canavilhas (2014) defende a existência de duas rotas de informação e controle editorial, sendo a primeira conhecida como o *gatekeeping* dos jornalistas, e uma segunda protagonizada pelos usuários de referência, os *gatewatchers*, que manuseiam os conteúdos disponíveis no ambiente virtual, principalmente nas suas redes sociais.

Quando se compara esses dois caminhos, autores como Anselmino (2012), defendem que a cultura de participação está longe de ser horizontalizada, pois a mídia possui o controle desta participação e orienta as suas rotinas de acordo com os interesses das redações. Em pesquisas com jornais argentinos, constatou-se que os jornais reservam para si o papel de *gatekeeping* nas várias etapas do processo de elaboração da notícia. Assim, eles moderam comentários, controlam o que se publica nas suas páginas das redes sociais, condicionam as perguntas e opções de resposta nas pesquisas, abrem a participação a determinados conteúdos e não a outros, selecionam as fotografias e vídeos que os utilizadores enviam,

Suau e Masip (2011) acrescentam que não existe um diálogo entre as partes, pois profissionais não respondem aos comentários, não intervêm nos espaços de reportagem cidadã e não integram os conteúdos gerados pelos utilizadores para o corpo de notícias do meio. Outra realidade é que os veículos

de comunicação se veem sobrecarregados pela quantidade de comentários que recebem, não encontraram bons mecanismos para geri-los e moderam com escassos recursos.

“Embora haja exceções notáveis, a regra geral é: pouca elaboração das mensagens, escassa presença de conteúdos externos ao próprio site, ausência de uma narrativa específica para cada rede social, zero respostas às perguntas ou intervenções dos leitores.” (ROST, 2014, p. 74). De acordo com Rost (2014) a interatividade requer gerenciamento, recursos humanos e tecnológicos e posicionamentos estratégicos, porém a mídia ainda não encontrou o seu modelo de negócio no ambiente digital ou não investiu os recursos suficientes para fazê-lo.

Quanto às pesquisas acerca de como o jornalismo apresentou o ensino remoto na pandemia, a pesquisa de Pernisa Júnior, Leal e Campos (2021) analisaram a cobertura fotojornalística de O Globo e da Folha de S.Paulo e perceberam as características da construção do acontecimento em forma de notícia: situações de precariedade existentes no contexto social ganharam caráter de excepcionalidade, crise/anormalidade e novos desenhos de exercício do poder sobre o tema da pandemia da Covid-19.

Foram mobilizadas abordagens sobre a educação que levaram a uma relação com as questões de saúde coletiva; os dilemas educacionais das famílias empobrecidas e com acesso precário às tecnologias educacionais; a realidade das reorganizações domésticas, com especial atenção para as mães: cuidadoras, administradoras dos lares e as responsáveis pelo acompanhamento da vida escolar dos filhos; e ainda trabalharam com estereótipos nos discursos identitários e convocam normatizações para falar dos sujeitos em situações de carência de estudo durante a pandemia (PERNISA JÚNIOR; LEAL; CAMPOS, 2021)

Os atores perceberam que as rotinas do fazer jornalístico, assim como uma estética utilizada, visaram atender à velocidade das mídias digitais e às

feições de um jornalismo móvel e hipertextual, buscando se utilizar das fotografias e dos olhares das pessoas retratadas, para a condução de lutas sociais existentes.

Também foi possível refletir de que modos os sujeitos podem ser evidenciados nos lugares de protagonismo, resistência e luta nessas fotografias, voltando-se para pensamentos de resistências, numa abordagem multicultural crítica. Assim, a construção jornalística valorizou as narrativas sobre a desigualdade na educação e o engajamento para as transformações da realidade.

Materiais e método

A partir de uma abordagem quanti-qualitativa, com objetivo exploratório e técnicas de pesquisa netnográfica (KOZINETS, 2014), o presente trabalho teve a finalidade de analisar as construções jornalísticas acerca do ensino remoto no período da Covid-19 a partir dos conteúdos textuais das reportagens e dos respectivos comentários no Facebook.

Para isso, foi escolhido o perfil do G1 notícias no Facebook, com o uso dos termos ensino, aula, remoto, digital, covid, pandemia (<https://www.facebook.com/page/180562885329138/search/?q=ensino%20aula%20remoto%20covid>). Como resultado foram listadas inicialmente 49 reportagens, destas 32 versavam acerca do ensino remoto.

Como critérios de inclusão foram escolhidas as reportagens que abordaram especificamente o ensino remoto no período da Covid-19, sendo excluídas as matérias com temas repetidos (neste caso permaneceu a com maior quantidade de comentários). Por fim, foram selecionadas onze reportagens, publicadas de setembro de 2020 a julho de 2021.

Destes onze conteúdos, foram coletados os comentários exclusivamente textuais, com mais de 30 palavras e em português. Foram

excluídos os comentários que apenas marcaram outros usuários do Facebook, usaram imagens (reações, emojis, gifs etc.) ou textos que não versaram sobre o ensino remoto. Nos casos em que havia o uso de marcações, imagens e textos, apenas este último foi selecionado para o estudo.

Foram coletados um máximo de 100 comentários por postagens. Por fim, um total de 960 comentários foram selecionados, que, em conjunto com as onze reportagens, totalizaram 977 textos. Estes compuseram o *corpus* da pesquisa. A lista das postagens selecionadas e a quantidades de comentários coletados e analisados estão detalhadas na Tabela 1.

Ressalta-se que os comentários selecionados estão disponibilizados em uma página de acesso público, constituindo uma fonte secundária de dados. Foram omitidas informações dos perfis dos usuários, não sendo possível identificar a origem das informações. Assim, a presente pesquisa segue as orientações éticas para estudos com dados de acesso livre.

Para a análise textual computadorizada, os textos dos comentários foram padronizados dentro dos critérios do freeware Iramuteq (CAMARGO; JUSTO, 2013) e as análises possibilitaram a realização de uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que indica categorias lexicais por meio da co-ocorrência de palavras e do cálculo do Qui-quadrado.

Resultados e discussões

Abaixo estão listados os títulos das postagens analisadas, a data das postagens, a quantidade de reações (*reactions* do Facebook), quantidade comentários totais e selecionados (entre parênteses) e quantidade de compartilhamentos. Neste quadro é possível confirmar que o processo de interação atende ao defendido por autores como Canavilhas (2014), Jurno e Brito D'andréa (2020), Rost (2014), Scolari (2013) e Sousa (2020), que afirmam que as redes sociais promovem não apenas uma ferramenta de comentários, mas possibilidade de uma interação comunicativa, com a

possibilidade de avaliação, compartilhamento e acréscimos de informações dos usuários, como pode ser visto na Tabela 1.

Data da postagem	Título	Reações	Comentários (Analisados)	Compartilhamentos
13/09/2020	Justiça do Trabalho autoriza reabertura de escolas particulares do estado do RJ, mas aulas continuam proibidas na capital	2700	723 (90)	227
06/10/2020	Conselho Nacional de Educação aprova juntar anos letivos de 2020 e 2021 e ensino remoto até fim do ano que vem	22000	3300 (100)	7100
10/11/2020	Percentual de alunos desmotivados em estudar na pandemia chega a 54% em setembro, diz pesquisa	2400	388 (50)	402
19/12/2020	Mobilização por abertura de escolas cresce, mas alta da Covid-19 reacende medo de surtos	3500	1500 (100)	336
02/12/2020	MEC determina volta às aulas presenciais nas universidades federais a partir de janeiro	10000	2300 (100)	1400
28/01/2021	Justiça suspende retorno das aulas presenciais no estado de São Paulo	22000	4500 (100)	5900
16/04/2021	Ela ficou lá esperando, mas nenhum aluno entrava na aula. Até que um entrou	43000	3900 (100)	3900
04/05/2021	Ensino remoto na pandemia: os alunos ainda sem internet ou celular após um ano de aulas à distância	470	110 (40)	66
25/05/2021	Em post que viralizou, professor reflete sobre própria apatia na pandemia e diz que se sentiu um 'lixo' ao ver salas vazias	2200	277 (80)	241
17/06/2021	Em tempos de ensino remoto, estudantes assistem aos vídeos dos professores na velocidade 2x para encurtar aula	2700	547 (100)	365
20/07/2021	Ministro da Educação defende retorno às aulas presenciais em pronunciamento em rede nacional: 'Necessidade urgente'	7000	2600 (100)	267

Tabela 1. Reportagens/Postagens que compuseram o *corpus* textual

Fonte: Próprio Autor

Quanto à análise textual computadorizada, o *corpus* apresentou 63.497 ocorrências com 7213 palavras distintas. Após a análise lexical básica, o material foi submetido a uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que desdobrou os 977 textos iniciais em 1781 segmentos de texto e classificou 4193 formas distintas que ocorreram numa frequência média de 36 palavras por segmento.

Para o Dendrograma foram considerados 1793 segmentos (97%) do total inicial. Para cada classe foram ordenadas as palavras com maior capacidade explicativa, calculada por meio do X^2 (Qui-quadro), que indica o nível de associação significativa ($p < 0,01$) de cada item com a classe na qual está inserida, como pode ser observado na Imagem 1, a seguir:

A primeira partição distinguiu o *corpus* em dois subcorpora, denominados de Conteúdo Jornalístico (Classe 4), que agrupou 17,9% dos segmentos, e Comentários (Subcorpus A), que representou 82,1% dos textos. Numa segunda partição, o Subcorpus A (Comentários) foi dividido em duas categorias: uma relativa a Classe 1 (32,6%), denominada de Estrutura, e o Subcorpus B (Saúde). O Subcorpus B, por sua vez, foi reorganizado nas categorias Aglomerações (Classe 2, com 26,9%) e Vacinação (Classe 3, com 22,6%), como pode ser observado na Imagem 1.

Nesta organização inicial é possível observar que os textos foram identificados entre Conteúdos Jornalísticos e Comentários, indicando que há uma distinção entre as reportagens e os conteúdos das interações. Aqui defende-se que os comentários contextualizaram as reportagens, que foram complementadas com as opiniões e os contextos vivenciais e sociais dos internautas.

Luís MENDES *et al*

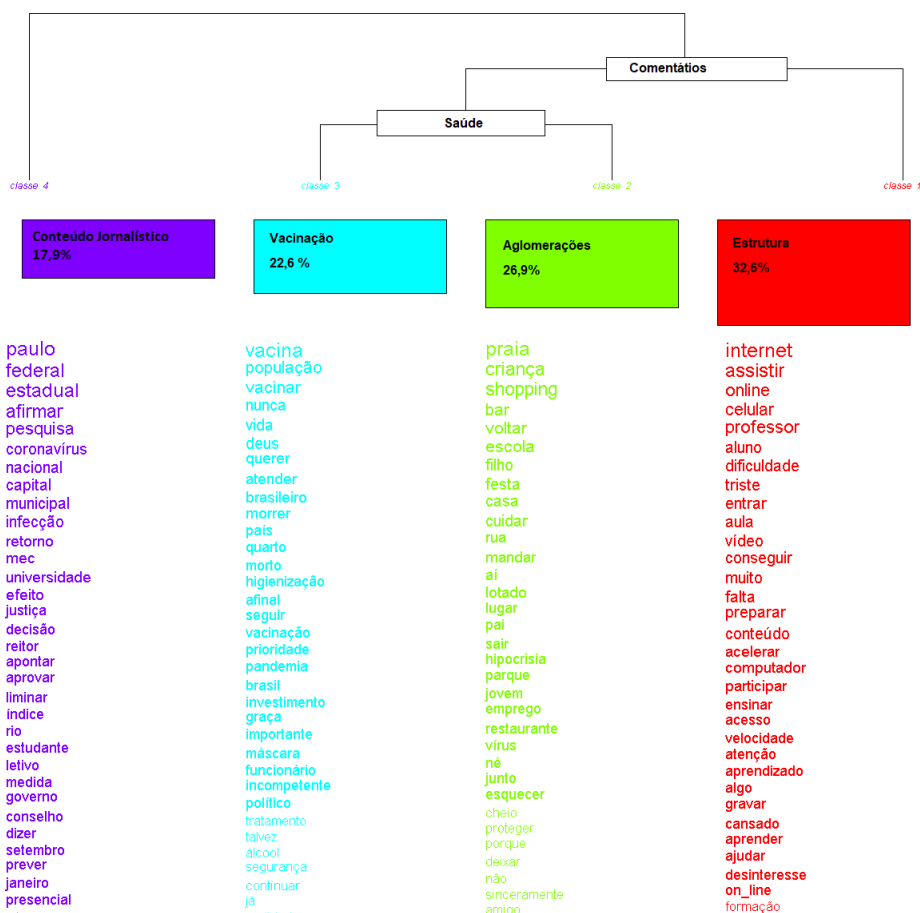


Imagem 1. Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente
Fonte: Próprio autor, por meio do Iramuteq

A primeira categoria temática foi nomeada de Conteúdo Jornalístico (Classe 4) com destaque para as palavras: paulo, federal, estadual, afirmar, pesquisa, coronavírus, nacional, capital, municipal, infecção, entre outras. Em conjunto, os termos apresentam estruturas noticiosas com palavras que indicam organizações geográficas (onde), resultados de pesquisas e consequências da Covid no processo educacional. O fato desta ser a primeira categoria, indica que este foi o conteúdo inicial a partir dos quais se organizaram as demais categorias.

Assim, pode-se defender que o conteúdo jornalístico serviu como uma base ou pauta para os comentários. Este achado é condizente com as afirmações de Anselmino (2012), Costa e Carvalho (2021), Hjarvard (2014) e Suau e Masip (2011), quando defendem que a maioria dos assuntos que repercutem nas redes sociais tem origem nos veículos de comunicação, estes ainda possuem a primazia do gerenciamento e abordagens dos temas das interações. Abaixo, no Quadro 1, podem ser vistos os cinco segmentos de textos mais significativos, organizados a partir do valor do Qui-quadrado (X²).

X ²	Segmentos de texto
	Classe 4 – Conteúdo Jornalístico
609.17	por lei os estados têm autonomia para decidir sobre volta às aulas a rede estadual os municípios na rede municipal ribeiro falou que o governo federal não tem autonomia sobre o tema ministro da educação defende retorno às aulas necessidade urgente
603.44	conselho é responsável por assessorar o governo em políticas de educação e contém representantes do mec a resolução havia sido aprovada por unanimidade a portaria desta quarta-feira se refere apenas às instituições federais de ensino as redes públicas estaduais e municipais ainda seguem sem definição sobre o tema
547.56	o governo estadual recorreu da decisão leia mais abaixo a liminar atendeu a um pedido do sindicato dos professores do ensino oficial do estado de são Paulo apeoesp para barrar decreto do governador joão doria psdb que autorizava a abertura das
537.55	suspensas o risco é trazer um incremento à pandemia afirma em são Paulo a preocupação é a mesma para soraya smaili reitora da universidade federal de são Paulo unifesp que tem campi na capital região metropolitana e baixada santista ainda não
501.74	mec determina volta às aulas presenciais nas universidades federais a partir de janeiro portaria revoga autorização que equivale as aulas remotas às presencias mas condiciona o retorno aos protocolos de biossegurança e prevê uso de ferramentas de tecnologia para complementar eventuais

Quadro 1. Segmentos de textos mais representativos na Classe 4

Nota: X² = valor do Qui-quadrado. **Fonte:** Próprio Autor

A segunda categoria foi intitulada de Estrutura (Classe 1), explicando 32,6% dos textos. Foram destacadas as palavras, como: internet, assistir, online, celular, professor, aluno, dificuldade, triste, entrar e aula. Este contexto

expressou as dificuldades de acesso tecnológico enfrentado pelos atores do processo educacional, com preponderância dos alunos e profissionais das escolas públicas mais afetados pela ausência de condições socioeconômicas, como detalhado no Quadro 2.

Esta e as categorias seguintes são coerentes com a pesquisa de Pernisa Júnior, Leal e Campos (2021), quando listou que abordagens sobre a educação estavam relacionados aos dilemas educacionais das famílias empobrecidas, com acesso precário à tecnologia; a realidade das reorganizações domésticas, as questões de saúde coletiva e com estereótipos nos discursos identitários e convocam normatizações para falar dos sujeitos em situações de carência. Outro fator que caracteriza essas categorias é que são conteúdos posteriores e acrescentados a partir das reportagens originais, como defende Martínez Rodríguez (2005).

X ²	Segmentos de texto
	Classe 1 – Estrutura
529.28	Optam em assistir as aulas remotamente tem equipamentos precários internet lenta compartilham o celular com os irmãos que tem aula no mesmo horário enfim é triste a realidade de desigualdade sem contar que muitos professores não tem equipamentos com a qualidade desejada
513.15	muitos alunos não conseguem ter acesso às aulas de acordo com a professora o brasil ainda não está preparado para o ensino à distância pois muitas famílias não possuem acesso à internet ou precisam dividir um celular com todos em casa
463.96	por quê volta às aulas só da rede privada e os alunos da escola pública que muitos as vezes não tem nem um celular para assistir aula online todos correm o mesmo risco e os professores tb correm risco o que
455.64	quando fiz curso online eu assisti na velocidade normal e ainda pausava pra fazer anotações mas passei no concurso porém cada um funciona de um jeito se pra esses estudantes faz sentido acelerar as aulas e conseguem aprender assim muito que bem
429.80	vejo meu marido se esforçar todo dia preparando aula vídeos trancado no escritório as vezes nem água toma parabéns aos professores e professoras e aos alunos que participam é gratificante não tínhamos nos preparado para aulas remotas as vezes nem note ou internet aluno tem mais políticas públicas de incentivo

Quadro 2. Segmentos de textos mais representativos na Classe 1

Nota: X^2 = valor do Qui-quadrado. **Fonte:** Próprio Autor

Já a categoria Aglomeração (Classe 2, com 26,9% dos segmentos) apresentou termos, como: praia, criança, shopping, bar, volta, escola, filho, festa, casa, cuidar. Em conjunto, essas palavras representam as comparações entre a liberação dos demais tipos de aglomerações, como shoppings e locais públicos, e as restrições aplicadas ao ambiente escolar. Neste caso, as críticas se concentram nas próprias pessoas que não respeitam o distanciamento ou expõem as crianças por questões de entretenimento. Para melhor detalhamento do conteúdo, cinco fragmentos de texto foram listados no Quadro 3, a seguir.

X^2	Segmentos de texto
	Classe 2 – Aglomerações
912.96	se os pais n estão nem aí com a saúde dos filhos tem país levando os filhos pra shopping supermercado praias então a crianças já pode voltar a estudar e os pais que são conscientes pode entra na justiça pra não deixar os filhos voltar pra escola e continuar estudando em casa é um direitos
811.93	lá no centro junto com suas mães sem noção você não acredita as crianças podem ir pra de março podem ir ao shopping praia parquinho casa de amigos mas na escola não pode tem pais desesperados com filhos pequenos trancados o
772.86	o problema é que as pessoas querem crianças na escola durante a pandemia com argumentos super válidos jamais discordaria tenho filhos mas também querem festa de réveillon pra pessoas e também querem aglomerar no bar na praia e no shopping e
767.02	shopping cheios de crianças praias clubes feiras comércio festa crianças na rua brincando e na escola não só na escola se pega covid na rua estão bem cuidados
752.11	fecha escola mais o próprio povo que critica a não retomada da mesma leva os filhos para praia parques shopping pura hipocrisia sou a favor de ambiente seguro sim para meus filhos saio de casa pq preciso trabalhar acho q o povo é tão cego que só consegue enxergar o próprio umbigo

Quadro 3. Segmentos de textos mais representativos na Classe 2

Nota: X^2 = valor do Qui-quadrado. **Fonte:** Próprio Autor

A Classe 3, denominada de Vacinação, explicou 22,6% dos segmentos e destacou as palavras: vacina, população, vacinar, nunca, vida, deus, querer, atender, brasileiro, saúde, entre outras. A questão da vacinação é o ponto

central desta discussão, estando o retorno às aulas presenciais diretamente relacionadas às decisões políticas ligadas à ao sistema de saúde. Os fragmentos de textos mais representativos desta categoria estão detalhados no Quadro 4.

X ²	Segmentos de texto
	Classe 3 – Vacinação
324.99	que pena que o governo brasileiro não levou a sério a campanha de vacinação não comprou nossa vacina a tempo isso em outros países já é normal ontem em goiânia os hospitais já chegaram de ocupação mas o importante é a vida voltar ao normal mesmo sem vacinar nem a metade da população
263.54	acreditam na vacina muito fácil culpar político e eximir a população na sua parcela de culpa no q está acontecendo lamentável mas educação nunca foi prioridade pra brasileiro
244.06	sem vacina como assim esse país se tornou numa tragédia pior governo e descaso total com a população lamentável e vergonhosa realidade brasileira
243.10	quis imunidade de rebanho e tratamento precoce famílias foram destruídas pessoas jovens morreram e vocês argumentando em favor de um governo que desde o início colocou medo na população em relação à vacina incentivando a não obrigatoriedade de imunização que menosprezou
237.58	eles nunca foram numa escola pública não sabem nada da realidade que vivemos ficamos quase meses a espera de uma vacina agora querer voltar sem vacinar e ainda vem comparar a nossa realidade com a europa suécia portugal na suécia uma

Quadro 4. Segmentos de textos mais representativos na Classe 3

Nota: X² = valor do Qui-quadrado. **Fonte:** Próprio Autor

De forma geral os resultados estão em acordo com as pesquisas de Teixeira (2014) e Rosa e John (2013) quando mostram que as interações dos usuários de redes sociais estão relacionadas a questões como críticas dos usuários ao jornal e/ou relato noticioso; apoio ao jornal e/ou legitimação da notícia com exemplificação ou ampliações do contexto, mas também apresentam relações entre os usuários, como crítica entre eles, colaborações, solidariedade, sátiras entre outros temas.

Neste ponto confirma-se o que Duarte, Rivoire e Ribeiro (2016) e Rost (2014) defendem, já que as interações acontecem a partir de conteúdos noticiosos, com ou sem a interferência dos produtores midiáticos. Uma vez que não foram visualizadas respostas do perfil do G1 aos comentários realizados nas postagens.

Considerações finais

A partir dos achados desta pesquisa pode-se defender que a interatividade contribuiu para a construção de significados acerca do ensino remoto na pandemia da Covid a partir de avaliações, compartilhamento e, principalmente, com a agregação de informações acerca das vivências particulares, exemplos de situações, opiniões de cunho político e contextualização das principais dificuldades enfrentadas para a manutenção dos estudos, como a precariedade das estruturas tecnológicas e sociais dos atores do processo educacional, o desrespeito com as estratégias de distanciamento e a questões das políticas de saúde que atingiram a sociedade como um todo.

Quanto ao jornalismo, este continuou com o papel de originar e impulsionar a informação e as pautas sociais, sendo os comentários agregações naturais e consequências do que era postado no portal do G1 e replicado, com poucas adaptações, nas páginas da rede social. O Facebook, por sua vez, foi usado como propagador de links, em que eram utilizadas imagens, títulos, subtítulos ou chamadas da postagem original do portal do G1, com o acréscimo das possibilidades de avaliação (reações), compartilhamentos e comentários que forneceram uma quantidade de interações significativas, como detalhado na Tabela 1.

Dessa forma, defende-se que a presente pesquisa atingiu os seus objetivos, porém não está livre das limitações, como o fato de estudar um único veículo de comunicação, por meio de uma rede social e com

conteúdos vinculados a uma temática única. Assim, os futuros estudos podem ser ampliados para outras mídias noticiosas, com mais plataformas de redes sociais e abordando outras pautas.

Defende-se também o modelo netnográfico de pesquisa como uma das possibilidades de acompanhar os rastros digitais deixados na Internet, a partir das várias etapas da produção jornalística e suas interações com as tecnologias, usuários e contextos culturais e sociais. Quanto ao uso da análise textual computadorizada, neste caso com o apoio do Iramuteq, observou-se ser adequada para o estudo de corpus originados nos contextos online, caracterizado por produzir grandes volumes de material textual.

Este trabalho, assim como os conteúdos jornalísticos e interações analisadas, podem se enquadrar na definição de Marginalia Jornalística, apresentada por Palácios (2012), que reforça a necessidade de estudos dos conteúdos interativos como agregações às informações noticiadas, de forma que no futuro e, com a distância científica e temporal necessária, possam servir de referencial para o entendimento do cenário jornalístico e social experienciado no período da pandemia da Covid-19.

Referências

ANSELMINO, N. R.. **La prensa online y su público**: un estudio de los espacios de intervención y participación del lector en Clarín y La Nación. Buenos Aires: Teseo, 2012.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M.. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, 21(2), 513-518. 2013. DOI: 10.9788/TP2013.2-16

CANAVILHAS, J. (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã, UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014. Disponível em: https://labcom.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf. Acesso em 20/01/2022.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

COSTA, R. M. DE B.; CARVALHO, C. P. DE. Jornalismo e redes sociais. **Comunicação & Informação**, v. 24, p. 1–16, 29 dez. 2021. DOI: 10.5216/CI.V24.62507

DUARTE, J.; RIVOIRE, V.; RIBEIRO, A. A. Mídias sociais on line e prática jornalística: um estudo em Santa Catarina. **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, v. 13, n. 1, p. 1–10, 9 set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5102/uc.v13i1.3854>

HJARVARD, S.. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, enero-junio, pp. 53-91, 2012.

HUTCHINSON, A.. New Research from Facebook Shows Engagement with Local News Providers Booming Amid COVID-19. **Social Mídia Today**, 2020. Disponível em: <https://www.socialmediatoday.com/news/new-research-from-facebook-shows-engagement-with-local-news-providers-boomi/577612/>. Acesso em 26/02/2022.

JURNO, A. Chevtchouk; BRITO D'ANDRÉA, C. F. de. Facebook e a plataformação do jornalismo: um olhar para os Instant Articles. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 22, n. 1, p. 179-196, 2020.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

PORTAL DA COMUNICAÇÃO. **Jornalismo cresce em audiência na pandemia do coronavírus**. Negócios da Comunicação [SD]. Disponível em: <https://portaldacomunicacao.com.br/2020/05/jornalismo-cresce-em-audiencia-na-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em 26/01/2022.

PALACIOS, M.. Marginália,'Zeitgeist' é memória do tempo presente: os comentários de leitores no ciberjornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 8, n. 1, p. 133-148, 2012. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v8n1.2012.391>.

PERNISA JÚNIOR, C.; LEAL, P. R. F.; CAMPOS, M. F.. Fotojornalismo e representações da educação: as narrativas sobre o contexto de precariedade no ensino remoto brasileiro. **Revista Mídia E Cotidiano**, v. 15, n. 2, 139-163, 2021. Doi: <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i2.49547>

RATINAUD, P.. **Iramuteq**: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. 2020. Disponível em <http://www.iramuteq.org>. Acesso em 08 jul. 2021.

RODRÍGUEZ, L. M.. **La participación de los usuarios en los contenidos periodísticos de la red**. In GARCÍA, Guillermo López. El Ecosistema Digital. Valencia: Universitat de València, 2005.

ROSA, J. A. da; JOHN, V. M. **Jornalismo e Interação**: Análise da Resposta dos Internautas à Cobertura do Caso Mensalão pela Fanpage do Jornal Folha de S.Paulo. Artigo. VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, de 20 a 22 de novembro de 2013.

ROST, A.. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã, UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

SCOLARI, C. A. **Narrativas transmedia**. Cuando todos los medios cuentan. barcelona: deusto, 2013.

SOUSA, M. de C. E. de. **A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. 286 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122790/323516.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 mar. 2020

SUAU, J.; MASIP, P.. Models de participació de les audiències en mitjans digitals catalans: anàlisi de La Vanguardia, El Periódico, Vilaweb i 3cat24. **Comunicació: revista de recerca i d'anàlisi**, p. 83-104, 2011. DOI: 10.2436/20.3008.01.79

TEIXEIRA, M. O.. A interação usuário x jornal em um site de rede social: indícios de uma mudança. **Brazilian Journalism Research**, v. 10, n. 1, p. 192-217, 2014. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v10n1.2014.553>

